Indígenas, assentados e acampados: a imersão de mestrandos do PDTSA/Unifesspa na diversidade de povos do sudeste do Pará

Indigenous peoples, settled and encamped: the immersion of masters of the PDTSA/Unifesspa in the diversity of peoples of southeastern Pará

GUIMARÃES, Eguinaldo dos Santos[1]; OLIVEIRA, Anastacia Pavão[2]; OLIVEIRA, Mariana Gomes[3]; SILVA, Luis Mauro Santos[4]

[1] IFPA; PDTSA/UNIFESSPA, eguinaldoguimarraes@gmail.com; [2] PDTSA/UNIFESSPA, anastaciapavao@hotmail.com; [3] IFPA, marianaoliveirag22@hotmail.com.br; [4] UFPA/INEAF/PPGAA e PDTSA/UNIFESSPA, lmsilva2012@gmail.com

Eixo temático: Terra, Território, Ancestralidade e Justiças ambientais

Resumo: A diversidade étnica e de sujeitos amazônicos é pulsante neste território. A vivência foi realizada durante atividades do Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia (PDTSA/Unifesspa) em diferentes comunidades no sudeste do Pará. O objetivo foi a imersão dos docentes e principalmente os mestrandos na realidade local que acomete estas comunidades, tais como impactos da mineração, obras de infraestrutura, agronegócio, luta pela terra, educação popular, questões culturais, importantes à formação e como geradores de elementos para estudos e debates ao longo das disciplinas do mestrado. O que se encontrou foram comunidade impactadas, ameaçadas, organizadas, resistentes frentes aos ataques e em territórios ricos de experiências agrícolas sustentáveis, educacionais, entre outras. Portanto, a(s) vivência(s) inevitavelmente possibilitam a sensibilidade dos experenciadores para com a realidade local, subsidiando novas pesquisas, atuações e debates.
Palavras-Chave: Comunidades; territorialidade; saberes locais; justiça social.
Keywords: Communities; territoriality; local knowledge; social justice.

Contexto

A diversidade étnica e de sujeitos amazônicos historicamente relegados ao esquecimento, pelas narrativas do poder, é pulsante nos diferentes territórios do bioma Amazônia. No sudeste do Pará, esta diversidade se expressa a partir das comunidades indígenas, de camponeses acampados em ocupações de fazendas, assentados pelo programa de reforma agrária, populações urbanas, entre outros.

O reflexo da diversidade regional tem sido defendido e ressignificado no espaço da Universidade Federal do Sul Sudeste do Pará (Unifesspa), com sede no município de Marabá, atendendo a comunidade com os mais diversos cursos e ações afirmativas. Atualmente, oferta cursos de graduação e de pós-graduação, sendo o PDTSA o pioneiro entre os demais. O PDTSA iniciou as atividades em 2012, atuando desde de então juntos aos sujeitos do campo e da cidade para o desenvolvimento local. A oferta de cursos no programa está entorno do mestrado, estando a turma 2018 em vias de conclusão e a 2019 recém-admitida.

A vivência ocorreu em diversas comunidades no sudeste do Pará, entre os dias 11 a 15 de março de 2019, durante a semana de recepção dos novos mestrandos da turma 2019. Nesta semana, concomitantemente à recepção, ocorreu a 1° Missão do PROCAD – Amazônia do qual o PDTSA faz parte.

As comunidades vivenciadas e experienciadas possuem uma relação com a natureza pautada predominantemente em princípios agroecológicos. São territórios que buscam a auto-gestão e autonomia nos processos produtivos, estabelecem uma relação muito estreita dos sistemas de produção com o incremento da biodiversidade, utilização de espécies e sementes crioulas, utilização de insumos internos sem a presença massiva de agroquímicos, cuidados com os solos e florestas, passando portanto a estabelecer uma relação mais próxima de uma co-evolução com a natureza, longe da concepção industrial de agropecuária e interação com as florestas (ALTIERI, 2012; GLIESSMAN, 2009; CAPORAL; AZEVEDO, 2011). O objetivo com as vivências foi imergir os discentes da turma 2019 na realidade local, além de mostrar o que acomete estas comunidades, tais como impactos da mineração, obras de infraestrutura, agronegócio, luta pela terra, educação popular, questões culturais, experiências agroecológicas, entre outras, importantes à formação e como geradores de elementos para estudos e debates ao longo das disciplinas do mestrado.

Descrição da Experiência

As comunidades vivenciadas foram a Aldeia Kyikatêjê do povo Gavião, Terra indígena (TI) Mãe Maria; o PDS Porto Seguro e o acampamento do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) Dalcídio Jurandir.

Foram realizadas viagens a essas comunidades para interação direta com os territórios e seus sujeitos. Realizou-se observação participante com incursões pelos territórios visitados, diálogos formais com rodas de conversas e informais quando das incursões pelo território de cada comunidade, troca de experiências e vivências das lideranças e membros das comunidades com os 14 mestrandos e professores. Entre os participantes desta vivência, tinha-se estudantes de mestrados do PDTSA, professores da Unifesspa, Universidade Federal de Roraima (UFRR), Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), Pontífice Universidade Católica (USP/SP) e os indígenas, acampados e assentados que os acolheram nas comunidades.

A primeira vivência ocorreu na aldeia Kyikatêjê, dia 12/03/2019, na TI Mãe Maria do povo Gavião, localizada no município de Bom Jesus do Tocantins. O deslocamento da cidade de Marabá ocorreu pela manhã, chegando-se na comunidade por volta das 9:00, onde houve a recepção do grupo pelas lideranças, professores da escola indígena da aldeia, anciões, entre outros indígenas da comunidade.

Em seguida, todos se direcionaram para o espaço de eventos da comunidade onde organizou-se uma roda de conversa (Figura 1). O primeiro a falar foi o cacique Zeca

Gavião que apresentou a comunidade e realizou uma profunda explanação sobre os impactos dos grandes projetos na terra indígena e suas repercussões no modo de vida da comunidade para o futuro. Posteriormente, outras lideranças indígenas jovens: um técnico agrícola, um geografo, pedagoga e uma mestranda; falaram a partir de suas perspectivas pessoais e profissionais sobre a comunidade, sendo que a roda de conversa se encerrara próximo ao meio dia para o almoço.

Figura 1. Roda de conversa na aldeia Kyikatêjê, TI Mãe Maria, Bom Jesus do Tocantins-PA, 2019.

No mesmo dia, houve a continuidade da vivência com um "passeio guiado" pela aldeia, onde foram mostradas as casas em círculo, a arena de jogos, danças e, por último, a escola indígena da aldeia, havendo, ao final da expedição, uma última confraternização de saberes e despedida, com o retorno à Marabá logo em seguida.
No dia seguinte, o grupo se dirigiu para outra comunidade, o Projeto de Desenvolvimento Sustentável Porto Seguro (PDS), localizado no município de Marabá-PA, onde foi acolhido por lideranças e agricultores da associação do PDS. A vivência fora dividida em dois momentos: uma roda de conversa com os agricultores (Figura 2), onde foram narradas as histórias da ocupação à oficialização da posse da terra, e visitas à estabelecimentos agrícolas familiares no PDS.

Figura 2. Roda de conversa com agricultores no PDS Porto Seguro, Marabá-PA, 2019.

A última comunidade vivenciada foi o acampamento do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) Dalcídio Jurandir, localizado no município de Eldorado dos Carajás-PA. No acampamento, o primeiro espaço visitado foi a escola, onde os professores e lideranças do MST guiaram o grupo pelos espaços que tem uma biblioteca, uma cozinha para a merenda escolar e quatro salas de aula, onde, em uma delas, foi realizado uma roda de conversa com os professores e a direção da escola. Posteriormente, após o almoço, o grupo se dirigiu ao interior da terra ocupada para outro momento de conversa e imersão no território dos agricultores.

Figura 3. Roda de conversa com agricultores do acampamento Dalcídio Jurandir, Eldorado dos Carajás-PA, 2019.

Ao final do dia, professores e mestrandos se despediram dos agricultores e regressaram à Marabá. As vivências ocorreram, em seu conjunto, durante três dias, em três comunidades distintas e em três municípios da região sudeste do Pará, com registros fotográficos e em caderno de campo, proporcionando muitas trocas e angústias devido à realidade experienciada.

Resultados

No curso das vivências nas dinâmicas dos povos da aldeia Kyikatêjê; do PDS Porto Seguro e o acampamento Dalcídio Jurandir fica latente as singularidades e formas de reexistências em território marcado por um sistema de apropriação da natureza como fonte de recurso, como o sudeste do Pará.

O povo Gavião inserido no processo de apropriação do capital na região, questiona-se como ter sustentabilidade em território limitado, impactado e com uma população crescente? Reagindo a esse questionamento estão elaborando o plano de vida do povo, que segundo observado na fala do cacique propõe-se a manutenção de práticas culturais características do seu povo, diante da necessidade de produzir /consumir/comercializar produtos que garantam reprodutibilidade à longo prazo.

Nos espaços, a vivência se deu em contato com as estruturas onde ocorrem as danças, jogos, rituais e a educação escolar indígena. A escola da aldeia é um espaço de lutas e fricções entre os anseios culturais dos indígenas e o atendimento

ao currículo proposto pelo Estado. Contudo, muitos avanços já foram conseguidos e hoje a escola, coordenada por uma indígena: Concita Sompré, busca relacionar, por meio de quadros pintados com elementos do modo de vida Gavião, os ensinamentos à cultura, à história e à realidade que acomete seu território, formando crianças apropriadas dos debates que os cercam.

Processos de reexistências também foram percebidos no PDS Porto Seguro, o qual por necessidade de marco legal se estabeleceu com atividades de baixo impacto ambiental baseado na Portaria INCRA/P/nº 477 de 04 de novembro 1999. Na roda de conversa, os relatos emocionados e emocionantes sobre o processo de ocupação marcaram seus narradores e os ouvintes. Os inúmeros despejos com violência policial, inclusive contra crianças, os sonhos pela posse da terra, a construção de uma vida melhor foram marcas inesquecíveis desta vivência.

Visitas à estabelecimentos agrícolas mostraram a diversificação, evidenciada com a criação de pequenos animais e sistemas agroflorestais. Estes sistemas, possuem espécies como cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*), cacau (*Theobroma cacao*), açaí (*Euterpe oleracea*), banana (*Musa* ssp.) e essências florestais nativas, etc. Os produtos dos sistemas de produção são comercializados em feiras universitárias – Unifesspa e Uepa – assim como nas “Comunas”, feiras realizadas em parceria com a Cepasp, tendo o associativismo forte presença na dinamicidade do território.

O terceiro espaço experienciado foi o acampamento Dalcídio Jurandir, com suas 212 famílias. Neste território, realizando observações acerca das formas de reexistências das comunidades camponesas, pode-se perceber ações importantes na construção da territorialidade no acampamento, tal como possuir educadores na escola da comunidade, contribuindo para que os princípios que criaram o acampamento sejam multiplicados nos saberes dos 175 estudantes da escola Carlito Maia.

Em relação aos sistemas de produção, pode-se observar a importância da produção e comercialização de alimento, principalmente para o município de Eldorado Carajás, cuja dinâmica produtiva está ameaçada pela possibilidade de despejo iminente com consequências desastrosas para as famílias acampadas e da zona urbana do município. O acampamento é responsável por boa parte da produção leiteira municipal, da produção de farinha, de frutas, hortaliças e pequenos animais.

Conhecer o(s) território(s) que se está inserido e sua dinâmica de reexistências demonstrou-se essencial para os mestrandos do PDTSA na aproximação da discussão de sala de aula com a prática de observação à campo, campo este no qual pode-se observar a diversidade de povos e de suas estratégias que contribuem para suas reprodutibilidades em um cenário de luta contínua por direitos.

Agradecimentos

À Unifesspa, ao PDTSA, ao CNPq - PROCAD-Amazônia e às comunidades que nos permitiram realizar uma imersão inicial em suas realidades.

Referências bibliográficas

ALTIERI, M. A. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3 ed. Rio de Janeiro: Expressão popular, AS-PTA, 2012. 400p.

BRASIL, 1999. **PORTARIA INCRA**/P/Nº 477 de 04 de novembro de 1999.

CAPORAL, F. R.; AZEVEDO, E. O. (Orgs.). **Princípios e Perspectivas da Agroecologia**. 1.ed. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2011. v.1. 192 p.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: ed. Universidade/ UFRGS, 2009. 653 p.